

O GLOBO

O PAÍS

PMDB e PT têm pacto político

Presidente do Senado diz que estratégia de integração passa pelas futuras eleições

ENTREVISTA

José Sarney

PT e PMDB fizeram um pacto de estratégia política para as futuras eleições, diz o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), confirmando ainda, no plural, a participação do partido em ministérios do governo Lula. Remanescente da UDN, fundador da Arena e, depois, PDS, José

Sarney, aos 73 anos, é o único político brasileiro vivo que já ocupou os principais cargos do Legislativo e do Executivo, em todos os níveis. Ele exerce influência no governo Lula depois de uma abstinência de 14 anos — ficou longe do governo, mas não do Congresso, nos quatro anos de Collor-Itamar e nos oito de Fernando Henrique Cardoso.

O autor de "O dono do mar" é agora também dono do PMDB. Tudo no partido passa por ele, inclusive o apoio maciço que o PMDB deu a Lula na votação da reforma tributária.

— Nem no meu governo o PMDB votou tão unido — diz o ex-presidente da República, em sua casa de Brasília, ainda comemorando o resultado da votação.

Jorge Bastos Moreno

O GLOBO: Na última reunião do presidente Lula com o comando do PMDB ficou decidido quantos e quais ministérios o partido terá?

JOSÉ SARNEY: Nessa conversa com o presidente Lula o que ficou decidido realmente foi a participação do partido no governo. Mas não se discutiu nomes nem cargos. Mais do que a participação, definiu-se também a integração do PMDB num pacto de estratégia política com o PT nas futuras eleições.

• Essa aliança já é para as eleições municipais?

SARNEY: Principalmente. Essa integração do PMDB com o PT deve se dar a nível nacional, com desdobramentos nas eleições municipais, onde for possível fazer essas alianças.

• O PMDB conseguiu finalmente sua sonhada unidade?

SARNEY: O PMDB sempre foi um partido de bases muito sólidas. É um partido que vem resistindo, ao longo do tempo, a todas as adversidades. Ele e o PT são os partidos mais sólidos que existem, com representações fortes em todos os estados. E a união de seus líderes é vital para que não se jogue fora todo esse patrimônio, toda essa tradição de luta. Esse também é o sentido do seu apoio ao governo.

• É verdade que o senhor quer fazer do deputado José Aristodemo Pinotti (PMDB-SP), médico particular de sua filha Roseana, ministro da Saúde?

SARNEY: Não estou trabalhando com nomes, por maior que seja a minha amizade e a admiração pelas pessoas. Mas, neste momento, em todas as reuniões das quais tenho participado, não estamos tratando da escolha de nomes.

• Nem no seu governo o PMDB votou tão unido como agora...

SARNEY: Sobre tudo no meu governo o PMDB nunca votou unido.

• Por que agora?

SARNEY: O PMDB sempre foi o partido das causas populares. E, no momento em que o presidente da República encarna esse programa, evidentemente que o PMDB jamais poderia deixar de apoiá-lo.

• Dizem que graças a um competente trabalho seu.

SARNEY: Essas coisas são generosas, mas não são verdadeiras. Eu sou apenas um membro do partido. Claro que o fato de eu ter sido presi-

dente da República faz com que eu tenha a consideração dos companheiros. Mas também eu nunca quis exercer uma chefia sobre o partido. Apoiei Lula nas eleições. Acreditei no seu programa, e o país está vendo que eu estava certo. Este é um governo de construção nacional e o presidente Lula está conseguindo conter as tensões sociais e conseguindo das classes conservadoras concessões que elas nunca fizeram a governo algum.

• É sina dos governantes serem acusados de fisiologismo quando conseguem aprovar seus projetos vitais? Ou isso aconteceu, por exemplo, na votação dos cinco anos de seu mandato, na reeleição de Fernando Henrique e agora nas reformas do presidente Lula?

SARNEY: A leitura errada começa na referência da pergunta aos cinco anos do meu mandato, pois eu tinha seis anos pela Constituição. A Constituinte reduziu um ano e eu aceitei. E foi criada essa versão de que o meu mandato era de quatro anos. O Congresso, ao longo da História, nunca tem faltado ao país nos momentos em que o Brasil precisou dele. Neste e em todos os momentos o Congresso nunca resolveu enfrentar os governos para fazer políticas partidárias. Ele está apoiando o presidente Lula como nos momentos mais difíceis me apoiou,

apoiou o presidente Itamar e apoiou o presidente Fernando Henrique. E sem nunca abrir mão do seu poder de críticas. Como ocorre agora com as reformas do presidente Lula e aconteceu com seus antecessores, a matéria final aprovada nunca é aquela que o Executivo gostaria. O Congresso melhora e aprova. E assim cumpre a sua função de harmonizar os conflitos da sociedade.

• O Senado vai ratificar as reformas aprovadas na Câmara?

SARNEY: O Senado, como câmara revisora, sempre tem a função de aperfeiçoar. No caso da Previdência houve um grande espaço para discussão na Câmara. Permanecem poucos pontos que estão sendo discutidos agora no Senado, que pode revê-los ou aprová-los.

• Depois da aprovação das reformas, a agenda será a reforma política?

SARNEY: O governo deu um grande salto este ano. Conseguiu neste momento de travessia controlar a economia e mudar a expectativa externa. Conseguiu avançar politicamente, criando uma maioria em torno das reformas. Resolvida esta etapa de chegada, no próximo ano a gente vai trabalhar as reformas políticas e do Judiciário.

• O senhor defende a reeleição ou cinco anos de mandatos para o presidente Lula?

SARNEY: Sempre fui contra a reeleição e a favor de um mandato maior. Mas temos que trabalhar com a realidade. A realidade é a reeleição. Então vamos trabalhar pela reeleição do presidente Lula.

• Fernando Henrique está falando demais?

SARNEY: Assim como eu, como ex-presidente, nunca gostei de julgar os presidentes, também continuo não querendo julgar os ex-presidentes que como eu exerceram a Presidência.

• Nem as declarações do presidente do Supremo Tribunal Federal, Maurício Corrêa?

SARNEY: Se eu, como chefe de um poder, fosse examinar as declarações do chefe do Poder Judiciário, estaria, de certo modo, criando um desconforto entre os poderes da República. Assim, o que posso dizer a esse respeito é que o presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Maurício Corrêa, tem absoluta experiência e autoridade para ser o árbitro de seus atos.

• Mas quando o senhor diz que críticas de chefe de um poder a outro chefe de poder criam constrangimentos, o senhor está dizendo que as críticas do ministro Maurício Corrêa criaram, sim, constrangimentos para o presidente Lula, não é mesmo?

SARNEY: Não vou cair no jogo dessa pergunta.

• Dizem que o senhor é o Ulysses Guimarães do presidente Lula. O doutor Ulysses mandou tanto assim no seu governo?

SARNEY: Não estou tendo nenhuma influência no governo do presidente Lula. Estou colaborando com o país e procurando colaborar com o governo. Acho que a maior testemunha disso é o próprio presidente Lula. Não é do meu feito gostar de influenciar governos. Quando eu era presidente não gostava de usar a palavra determinar. Eu sempre usava a palavra recomendar. Essa é uma marca minha. A minha convivência com o poder sempre foi uma convivência desconfortável.

• Mas hoje o senhor vive uma situação mais do que confortável, privilegiada, pois já ocupou todos os cargos públicos em todos

os níveis do Poder Legislativo e do Poder Executivo. E agora preside de novo o Legislativo. Qual o seu futuro político?

SARNEY: Não tenho futuro. Eu tenho passado. E tenho muito orgulho de ter procurado servir e ajudar o país com as minhas qualidades, que são a prudência, a paciência e o diálogo com o qual tento permanentemente harmonizar as divergências. Acho que foi sempre essa a contribuição que dei ao país e que foi muito importante no momento de transição democrática. Sem essas virtudes acho que nós

teríamos tido grandes problemas durante o período em que saímos do regime autoritário para a plenitude democrática. E o resultado de tudo isso estamos colhendo hoje. O Brasil nunca gozou de tanta liberdade como naqueles momentos inaugurais em que fui presidente da República. Esse é o ponto fundamental: o Brasil não somente passou a ter instituições democráticas como se consolidou numa sociedade democrática que hoje se expressa num sistema de capilaridade e de participação em todos os setores da vida nacional. Diziam os chineses que, quando a gente vai beber água no poço, deve se lembrar de quem abriu o poço.

• Os erros de seus sucessores na Presidência de alguma forma não antecipam o julgamento político de seu governo?

SARNEY: Quem governa, não governa com abstrações. O tempo é o grande instrumento para clarear as coisas. Passada a paixão política, o calor do momento, o respeito dos adversários de ontem e o carinho do povo são o reconhecimento do meu trabalho.

• Alguma frustração?

SARNEY: A política não é para se ter frustrações. O bom político, que tem a noção do bem, tem também a sensação de que, em determinados momentos, poderia ter realizado alguns sonhos que não conseguiu realizar. A gente comete acertos e erros. E não conseguimos vê-los nos momentos em que os praticamos. Depois, a gente fica olhando os erros e tem vontade de corrigi-los. Mas aí o tempo já passou.

• E as suas memórias, quando ficam prontas?

SARNEY: Eu as termino no fim deste ano. O livro deve ser publicado no ano que vem. Escrever memórias não é fácil. É obra do tempo. Escrever memórias é uma tarefa para velhos. E, como já estou velho, estou trabalhando nelas há algum tempo.

• Grandes revelações nesse livro?

SARNEY: Não é para fazer revelações e muito menos criar sensações. O livro de memórias não é um romance policial.

• Permanece o título provisório de "Testamento para Roseana"?

SARNEY: Estou entre esse título e o "Boa-noite, presidente!" Foi a primeira frase que ouvi do Leônidas (general Leônidas Pires Gonçalves, ministro do Exército escolhido por Tancredo Neves) e do Fragelli (José Fragelli, presidente do Senado na época).

"Lula está obtendo das classes conservadoras concessões que elas nunca fizeram a governo algum"

"O Congresso, ao longo da História, nunca tem faltado ao país nos momentos em que o Brasil precisou dele"

"Escrever memórias não é fácil. É obra do tempo. Escrever memórias é uma tarefa para velhos"

Roberto Stuckert Filho/25-08-2003

